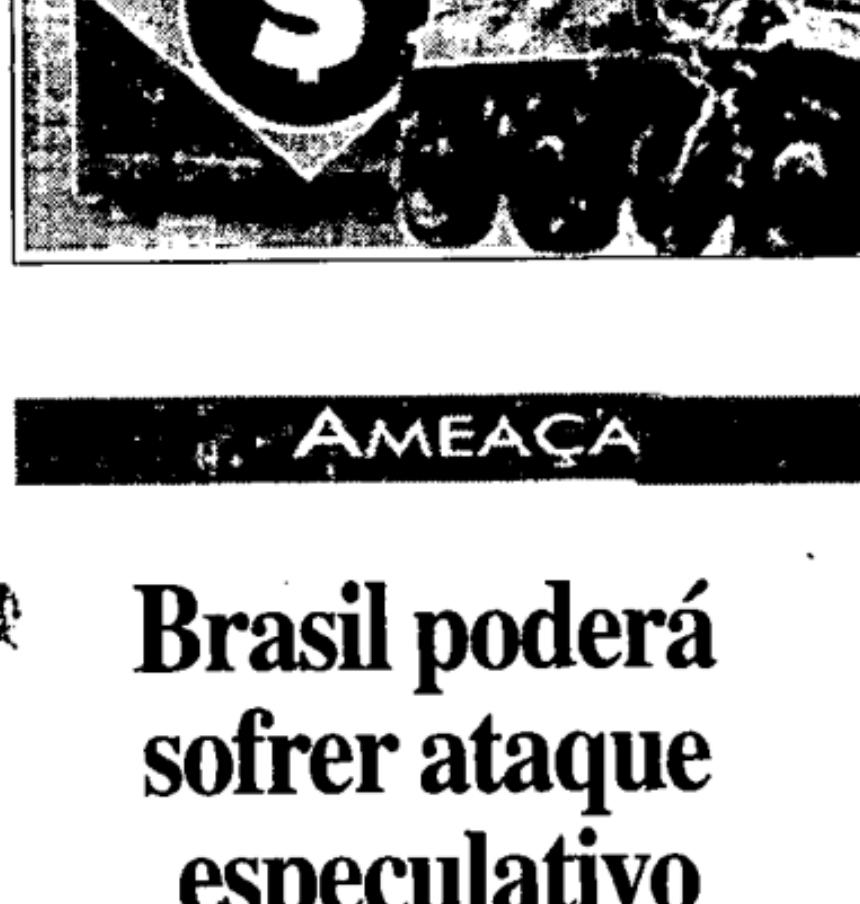


# ECONOMIA DE GUERRA



## AMEAÇA

### Brasil poderá sofrer ataque especulativo

**R**IO - É preciso conservar o sangue frio, pois a situação é difícil, embora também seja temerário fazer previsões categóricas demais quanto a um ataque ao real, ainda mais apontando datas para o ataque. Esta é a avaliação do gerente de Macroeconomia do BNDES, Fabio Giambiagi, sobre as previsões do economista norte-americano Albert Fishlow, de que o real sofrerá um ataque especulativo em duas ou três semanas, decorrente da crise na Indonésia. Segundo Fishlow, assim que a situação na Indonésia se acalmar, com a ajuda do FMI, os especuladores cairão sobre Hong Kong e, no passo seguinte, sobre o Brasil.

Giambiagi reconhece ser “público e notório” que o Brasil pode ter problemas diante de problemas externos, mas considera que não há elementos para se dizer que isso necessariamente vai acontecer e que será em duas ou três semanas. No entender dele, não existe nada indicando que o governo vá fazer uma desvalorização do real - uma expectativa internacional neste sentido é que deflagraria o ataque - e nem isso é necessário. “Se não vai fazer agora, porque faria após as eleições presidenciais?”, indaga o economista. “Se não temos motivos agora, não teremos depois, também.”

Para Giambiagi, a situação brasileira hoje é melhor do que a do final de outubro, quando eclodiu a crise na Ásia e o real passou pelo primeiro ataque. De lá para cá, assinala, os analistas puderam verificar as diferenças existentes entre as economias dos países asiáticos e a do Brasil. “De modo geral, nossa economia é mais consistente”, diz ele. A relação entre os empréstimos bancários e o PIB no Brasil é de cerca de 38%, enquanto que em alguns países asiáticos supera os 100% - sem esquecer que, no caso deles, parte muito significativa dos empréstimos está lastreada em ativos imobiliários, em franca desvalorização.

Giambiagi acredita que o fato de não ter havido “vítimas fatais” no ataque de outubro caracterizou para os agentes econômicos domésticos e internacionais que os ajustes que acompanharam o Proer deram certo e deixaram o setor financeiro sólido o bastante para aguentar ataques,